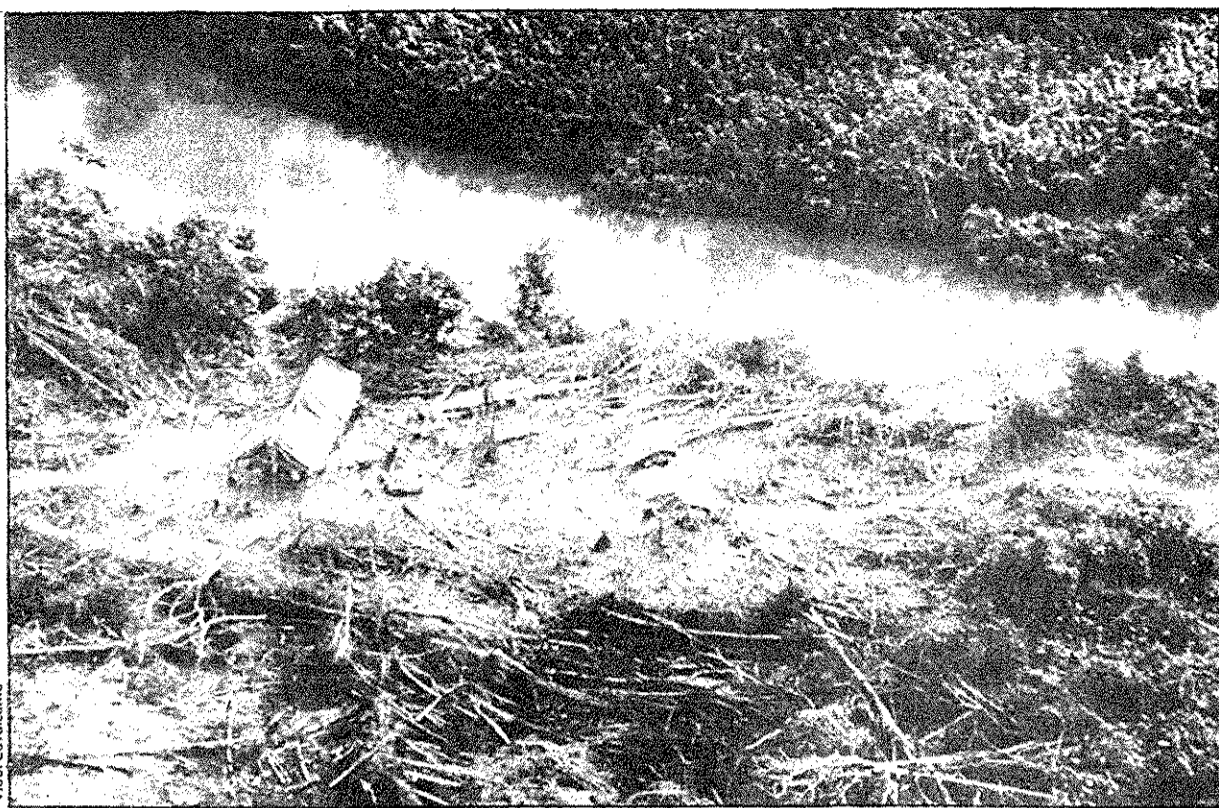




Uma pista nova para o pouso de aviões perto do rio Couto de Magalhães



Local onde os garimpeiros estão, ao lado do rio Couto de Magalhães

Dez mil garimpeiros na busca do ouro em Roraima

Eles continuam desembarcando numa área de um milhão de hectares. Esta é uma corrida mais louca que a de Serra Pelada

Os primeiros aventureiros chegaram em 1964 buscando riquezas

João Batista Natali
Enviado especial de Roraima

No começo de dezembro eles já eram 2.500. Continuaram desembarcando maciçamente em mais de 60 pequenos aeromotores, com redes e sacos de alimentos, armas de caça e instrumentos para a garimpagem. São hoje calculados em dez mil, espalhados por uma área de um milhão de hectares de selva, a uns 200 quilômetros a leste de Boa Vista, capital do Território Federal de Roraima.

São os protagonistas de uma "febre de ouro" mais intensa que a registrada há oito anos em Serra Pelada (Pará). Extraem com seus métodos rudimentares 30 quilos do minério por dia. E

aparentemente tocaram apenas na casca de um substancial filão: o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) menciona a iminência da explosão de novas descobertas.

Mas os prognósticos superlativos têm como pesada contrapartida o fato de o homem branco ter dessa vez penetrado fundo em terra que a legislação lhe interdita. E terra dos Ianomani, praticamente o último grupo étnico com pouco ou nenhum contato com a chamada civilização. Estão sendo censoados (seriam de 3 a 8 mil) para que até o fim de janeiro o governo federal faça uma nova demarcação das terras. Antes que isso ocorra, os garimpeiros tentam criar um fato consumado. Sabem que a Fundação Nacional do Índio (Funai) não tem estrutura, com seus oito funcionários na região, sequer para o mapeamento

dos pontos em que o ouro vem sendo lavado. E a Polícia Militar de Roraima, mesmo mobilizando a totalidade de seus 700 homens, seria incapaz de bloquear a bacia do Mucajai para impedir que os garimpeiros retirados à força façam, a pé, a viagem de retorno a suas grotas, num percurso médio de 23 dias pelo mata.

A Comissão pela Criação do Parque Ianomani (CPPI) denuncia o perigo de um lento mas irreversível extermínio dos índios. Consta os primeiros efeitos de doenças que o branco transportou. Os próprios índios, no entanto, com certeza "votariam" contra o fim do garimpo. Deixariam de ganhar comida, lanterna e rádio-gravador, óculos escuros e disputados calções coloridos de tecido sintético.

Os primeiros aventureiros da privação diária em troca do enriquecimento fácil desmontaram na porção oeste de Roraima em 1964. Sem qualquer conhecimento dos tratados redigidos pelos geólogos e tendo nas variações da cor da terra o único critério "científico", essa vanguarda de uma dúzia de homens do garimpo encontrou uma primeira pedrinha se sete gramas de ouro em terras da maloca dos xirixan-ná, um ramo da família Ianomani, espalhada toda ela um pouco ao Norte do Equador, dos dois lados da fronteira do Brasil com a Venezuela.

Por coincidência, os mesmos xirixan-ná, já convertidos em garimpeiros, desencadearam em agosto do ano passado o primeiro e único incidente grave entre o índio e o branco caçador de ouro. Um grupo deles retirou-se por três dias da grota que pesquisava, deixando como recomendação explícita aos garimpeiros da grota vizinha que não mexessem na terra revolvida e em seus instrumentos. A recomendação foi desobediçada. Depois de últimos vencidos, começou uma rápida batalha com flechas de um lado e balas de rifle do outro. Um branco e três índios morreram.

No dia seguinte, informada do incidente, a 10ª Delegacia Regional da Funai planejou o embrião da "Operação Roraima", pela qual ninguém mais teria a autorização de permanecer na área. A Polícia Federal, a Polícia Militar e a Polícia Civil tentaram evacuar o garimpo. "Mas para cada grupo de dez que se desloca para a estrada, os aviões desbarcavam outros dez que partiam de campos clandestinos nas imediações de Boa Vista", disse um policial roraimense que insistiu para que seu nome não fosse publicado. E, de fato, aquelas alturas, 36 monomotores já haviam se

deslocado dos garimpos de Ipitanga (Pará), com os pilotos cobrando 20 gramas de ouro pela ida e 15 para a volta à capital do Território (o ouro é obviamente moeda forte. As duas prostitutas que sabiam se instalaram à beira do rio Couto de Magalhães cobram 5 gramas por meia hora de amor...).

Resultado: Os brancos voltaram em peso, caracterizando o que José Altino Machado, presidente da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usigal) qualifica de "evidente vazio de autoridade". O governo deixou de existir nas terras em que Ianomani e o ouro quase à flor da terra montam um roteiro quase "normal" desde que os bandeirantes chegaram às Minas Gerais. O homem do garimpo, rebelde a vínculos empregatícios, trocando a cama pela rede amarrada no tronco das árvores de 70 metros da Amazônia, estava com o horizonte liberado para exercer o sonho de enriquecer.

"Só tenho medo de castigo de Deus, se morrer por lá ou um bicho me pegar", se lamenta o veterano José Domingos Pereira da Silva, 33, com ouro recolhido em Mato Grosso e no Pará meiro de um patrão que lhe paga as viagens num Cessna 206, os cartuchos da espingarda, e o rancho de arroz, feijão, sal e jabá. "Por enquanto não peguei nada. Só malária", diz com uma ponta de autocomiseração irônica Davi Pina, 22, maranhense que acredita estar às vésperas de ficar milionário e exibe em sua boca quase sem dentes o sorriso malandro ao evocar as amantes que poderá comprar para sua cama.

Enquanto ambos e outros milhares

desembarcavam, dois grupos de brancos permaneciam desautorizados pela Funai a reingressarem nas terras Ianomani. Eram os três médicos e o dentista da Comissão pela Criação do Parque Ianomani (CPPI) e os quatro religiosos católicos que operavam como antenas do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), gente hoje desprezada da antiga obsessão de batizar desenfreadamente essas "criaturas primitivas", para que elas tivessem com isso a senha para entrar no céu. Querem hoje muito mais retardar ao máximo o contato do branco com o índio, numa tarefa que acreditam que o governo não pode cumprir porque seu braço indigenista, a Funai, enquadrar-se nas mesmas razões de Estado que levaram à elaboração do Projeto Calha Norte, com o qual a "Nova República" quer prolongar sua soberania até as fronteiras do Norte.

"Aquilo (a área Ianomani), virou um campo de extermínio fechado. Não temos sequer o controle de quantos estão morrendo", diz Carlo Zacchini, representante da CPPI em Boa Vista. "E o que é que a gente pode fazer, sem autorização para entrarmos na área?", desabafa Gunter Francisco Loebens, coordenador da regional Norte-1 do Cimi em Manaus (Amazonas).

A hierarquia episcopal se vê, por sua vez, diante de uma situação pouco contrastada. Não há um conflito entre posseiros e latifundiários, ou de índios com multinacionais mineradoras. O garimpeiro, a seu modo, é também um oprimido. "Precisamos proteger a vida" — diz o padre Luís Palumbo, espécie de bispo em exercício em Boa Vista. E completa: "mas os riscos maiores são hoje corridos pelos índios". (J.B.N.)

Governo pode conter ingresso na selva

Se quisessem efetivamente conter o ingresso de garimpeiros a Oeste de Roraima, os diversos tentáculos do governo naquele Território Federal poderiam optar por uma alternativa bastante simples: bastaria controlar o combustível distribuído aos aviões que transportam homens e víveres para aquela área isolada. A alternativa foi, porém, evocada, em Manaus, por Sebastião de Amâncio, superintendente regional da Funai.

Mas ela esbarra em obstáculos erguidos por uma batalha judicial ainda em curso. Os pilotos entraram na Justiça para sustarem a apreensão de seus rádios de bordo por agentes do Departamento de Polícia Federal. Ganharão uma liminar que lhes permite atirar alimentos para os garimpeiros que já se encontram na região, sem no entanto entregarem o contingente de transportados. Essa segunda decisão é obviamente desrespeitada e para tanto os pilotos circulam com habeeas-corpus no bolso.

E como circulam! Quarta de manhã, eram 27 monomotores e dois bimotres estacionados no aeroporto de Boa Vista. Tão logo a fonia da torre informou que não mais chovia ao sul da Serra de Surucucus, nas margens dos rios Mucajai e Couto de Magalhães, foi uma debandada coletiva rumo à cabeceira da pista.

Antônio Gomes Araújo, 19, embarca pela primeira vez, deixando seu emprego de balconista e três irmãos que esperavam vê-lo enriquecido na volla. Henrique Peixoto, 38, levava num Skylane, Cx\$ 600 mil em material e comida para os oito empregados que mantém no garimpo. O fazendeiro goiano Mauro da Rocha Freitas, 26, transportava duas bombas hidráulicas e gasolina. Embarcou um empregado, Francisco Oliveira da Cunha, 20, experiente apesar da idade, com 2 quilos de ouro encontrados nos garimpos percorridos em Mato Grosso, Pará e Amazonas. Ficaria agora com 30% do minério que encontrasse, na operação que seu patrão financiava.

Cabelos brancos, pele enrugada na testa e na beira dos olhos, o algaço Ivo Tavares da Silva, 58, era o veterano dos embarcados. Trocou a vida de empregado de uma fazenda em Palmeira dos Índios por um garimpo que em uma semana pretendia dominar tecnicamente.

A mata sobrevoada é tão densa que assusta. Na véspera, terça-feira, José Nilton Herculanu Albuquerque, 25, e José Haroldo Pinheiro, 27, tinham regressado a Boa Vista, tendo, como único equipamento de marcha dois surrados pares de sandálias havaianas. Voltaram depois de 18 dias no mato, sem ter chegado ao garimpo de Novo Cruzado. Tiveram medo de morrer porque contrairam malária.

Contaram ter-se deparado em meio à picada que sobe o Morro da Xuxa — os topônimos são oficiosos e atualizados — um velho garimpeiro apodrecendo dentro da rede. A malária o havia vitimado. Foi o reverso da medalha da sorte.

Inexiste na extensa área do garimpo a fotogênica concentração humana de Serra Pelada. As grotas estão dispersas. Grupos de dez ou vinte amontoam-se em clareiras ou barrancos de rio distantes alguns quilômetros uns dos outros. Os contatos entre eles são esporádicos. Depois de descerem do avião, alguns precisam andar três ou quatro dias para chegar a seu destino. As demarcações dos limites são ambíguas e rarefeitas. De vez em quando há brigas. Um garimpeiro foi assassinado por um vizinho de lavra na segunda-feira passada.

A rotina é tensa e apressada. "Quero encontrar pelo menos umas 100 gramas antes que o Exército tente tirar a gente na marra daqui", diz Joaquim Silvino, 28. Seus únicos bens: duas bermudas e três camisetinhas, lanterna com um estoque de pilhas e um rádio à noite sintonizado nos tristes boletins de uma emissora da Venezuela. O resto é de seu patrão, inclusive a rede e o tordo de seis metros quadrados, debaixo do qual ele dorme, pendurado como um papagaio. (J.B.N.)



Esmeraldino Silva Neves



Padre Luís Palumbo



Guenter Francisco Loebens



José Altino Machado

Índio com máquina fotográfica pede filme colorido

Esmeraldino Silva Neves, delegado da Funai em Roraima, está definitivamente com excesso de pulgas para se coçar. "A invasão dos garimpeiros foi dirigida de tal forma que nosso pessoal não tem mais meios de controlar", diz ele com um misto de nervosismo e resignação.

A exatos 252 quilômetros a Oeste de sua modesta escritório em Boa Vista, é em termos quase idênticos que se exprime Gonçalo Teixeira, mulato forte de peito nu, boina em estilo militar que o identifica como chefe do posto da Funai junto à maloca Ianomani de Paapiu. Papelete na mão, ele se contenta passivamente em anotar o prefixo dos aviões que aterrissam uns atrás dos outros na pista de 1.200 metros que o governo abriu, "sei lá eu quando", e que a Aeronáutica ampliou no ano passado como parte do Projeto Calha Norte.

"O índio deixou de caçar e colher banana ou mandioca. Agora quer arroz e feijão que o branco dá. Tinha uns 50 na maloca, mas não pára de chegar parentes das malocas vizinhas, sabendo que aqui o esforço para sobreviver é menor", diz ele.

Um esforço que em verdade desvirtua rapidamente em qualquer tradição ancestral. Os Ianomani comem insossos, nada de agüçar ou sal. Em três meses aprenderam a condimentar a comida, e agora, quando falta um dos dois ingredientes, batem à porta do posto. O único elemento da civilização que ainda não chegou foi a cachaca.

Pouco depois das 17h30 de quarta-feira. Um Ianomani passa, indiferente, pelo chefe do posto. Carrega um rifle nas costas e, na mão direita, um saco plástico com cartuchos. O Estatuto do Índio proíbe terminantemente que eles andem armados. E coisa de fazer o general Cândido Rondon se revirar dentro do túmulo. Ainda: os Ianomani não podem se fazer fotografar. Perderiam o controle da destruição de todos os vestígios deixados no mundo dos vivos, para só então ingressarem com certeza no mundo dos mortos. Eis que se aproxima do posto um índio empunhando

uma pequena câmara. Pede um filme. E acrescenta, num português mal assimilado: "é colorido". Não tem. O chefe do posto sugere que o fotógrafo operador peça a filmes virgens ao garimpeiro que o apresentou com a máquina.

Tudo não passaria de charme meio folclórico da aculturação acelerada se a presença do branco também não implicasse na transmissão de moléstias para as quais o organismo do índio não tem a mínima defesa. Não há dados estatísticos sobre as incidências. Mas as suposições já são preocupantes.

Numa maloca mais ao Norte de Paapiu, diz Cláudia Adujar, coordenadora da Comissão pela Criação do Parque Ianomani (CPPI), dos 320 indivíduos, 230 foram acometidos de gripe, entre eles 84 com complicações pulmonares. Numa terceira maloca, as 12 mortes registradas em 1986 subiram para 19 no primeiro semestre do ano passado. Depois, com a expulsão dos médicos do CCPY, as mortes deixaram de ser computadas.

Nesses dois casos, o contato do índio ocorreu com militares trabalhando para o Projeto Calha Norte. E o branco fardado é bem mais cauteloso (toma vacina, por exemplo) que o paisano do garimpo.

As coisas não estão propriamente em ponto morto. O censo dos Ianomani, promovido por um grupo de trabalho interministerial que a Funai coordena, poderá fornecer parâmetros para uma delimitação definitiva da reserva. Por enquanto, por decisão do Ministério do Interior datadas respectivamente de 1983 e 1985, a área é apenas interditada a partir de um determinado meridiano, que índios e garimpeiros não têm a mínima idéia de por onde passa (J.B.N.).

Corrida pela fortuna, deixa multidão de viúvas provisórias

Marcelo, proprietário de uma pequena empresa no ramo da construção civil, afirma que há seis meses encontrava serventes pagando uma diária que hoje equivaleria a Cx\$ 500,00. Hoje, precisa se contentar com garotos de 13 anos, que exigem Cx\$ 800,00 por dia. Nos bares de sua cidade, Boa Vista, a cerveja é vendida a Cx\$ 100,00 ou Cx\$ 120,00 a garrafa.

São dois efeitos diretos da inflação provocada pelo deslocamento maciço de homens para o garimpo. Calcula-se que pelo menos 6 mil dos 92 mil boia-vistenses estejam no mato em busca de ouro. "Estamos rodeados de uma multidão de viúvas provisórias", diz sarcástico Flávio Bacellar, representante em Roraima de uma grande empresa mineradora.

E são viúvas de maridos vivos, que

abandonaram as mais díspares atividades. Informação não confirmável dá conta que 300 policiais militares partiram para o garimpo. Haveria também 150 professores primários, que aproveitaram as férias prolongadas do inverno (o território está acima do Equador).

Os poucos que voltam rapidamente milionários são personagens de episódios insólitos. José Ribamar Lima, o Zé da Galera, bebeu todo o usque estocado no bar De Quina Para a Lua, em Mucajai, 56 quilômetros ao Norte de Boa Vista, arrebitou as mesas e pagou tudo à vista com o dinheiro obtido pelos 2 quilos de ouro que encontrou. Não longe dali, na mesma cidadezinha, um garimpeiro conhecido apenas por Zé Dourado (carrega 500 gramas do metal em pulseiras e colares) pediu que reformassem luxuosamente seu imprestável Fusca, mesmo

sabendo que gastaria o bastante para comprar dois carros novos.

Confiteira boia-vistente La Gêndola, segunda-feira passada à noite. Entra um garimpeiro de relógio novinho em folha, camisa de seda e cabelos brilhantados. "Me dá um doce de cada um. E me dá também um refrigerante de cada um que tiver". Na piscina do Hotel Euzébio's, no dia seguinte, outro garimpeiro levantou-se e discursando aos berros decretou: "Todo mundo hoje bebe por minha conta. Quem não aceitar eu obrigo. E se me encherem muito o saco eu compro essa porra de hotel".

Francisco Lafayette da Silva, 30, garimpeiro que ainda nada encontrou, é bem mais modesto. Disse que, se ficar rico, contenta-se em comprar uma casa lá no seu Rio Grande do Norte. (J.B.N.)

Ianomani ganha dinheiro com pedágio de aviões

Iadulce Ianomani não deve ter mais de 30 anos. E de tão pouca conversa que não revela sequer a idade. Na maloca de Paapiu, ele tem a dupla vantagem de ser genro do tuxáua (o chefe) e de ser o único a falar português, aprendido durante os anos que viveu em Boa Vista.

Seu contato com a civilização o transformou num tipo curioso. Debaxo do calção de lacre azul marinho, transporta como troféu uma pistola carregada. Relógio de ouro no pulso, óculos escuros feitos sob encomenda, ele carrega numa das mãos um pacote com notas de Cx\$ 1.000,00, recolhidas na última quarta-feira como pedágio dos pilotos que pousavam na área de sua gente.

Iadulce cobrava Cx\$ 10 mil por avião aterrissado. Um movimento de protesto dos pilotos fez com que na véspera o preço fosse reduzido pela metade. Ninguém escapa. Nem os dois únicos dos 17 estacionados na pista que nada tinham a ver com o garimpo: o monomotores que transporta a equipe de reportagem e um bimotor do governo de Roraima, encarregado de levar dois investigadores da Polícia Civil que apuravam um homicídio recente.

"O que é que você faz com tanto dinheiro?". É inevitável a curiosidade, quando a loja mais próxima está a quase 300 quilômetros. "Eu compro arroz, compra feijão, compra carne e agora não tem mais falar", diz ele, antes de virar as costas.

E compra mais. Especificamente, uma casa de Cx\$ 1 milhão em Boa Vista, onde se hospeda quando vai para suas comprinhas. A pista estava interditada até o último dia 30 de dezembro. Os aviões do garimpo eram obrigados a pousar uns 10 quilômetros a leste, numa espécie de barranco que eles próprios haviam aberto.

O chefe do posto da Funai em Paapiu proibiu que se retirasse os tambores do chão de terra batida, para que só aeronaves militares tivessem a possibilidade de descer. Iadulce desrespeitou a proibição. Assumiu o pedágio — no dia mais movimentado, sábado passado, foram 40 os aviões —, e é hoje o dono da fortuna mais rapidamente conquistada do Território Federal de Roraima. (J.B.N.)

SERRA PELADA

Abaixo-assinado pede a presença da Polícia Federal

Os garimpeiros Vitor Hugo Cardoso Rosa Neto e Pedro Paulo da Silva prestaram depoimento de três horas, ontem, na Divisão de Polícia Fazendária da Polícia Federal em Serra Pelada. Eles negaram a denúncia do presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Marabá, Fernando Marcolino, de que teria sido espancado por agentes do órgão para que ele não participasse de uma reunião na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, em Belém, no último dia 18.

Os garimpeiros trouxeram de Serra Pelada três documentos: um abaixo-assi-

sinado com cerca de seis mil assinaturas pedindo a permanência da Polícia Federal em Serra Pelada, uma lista com o nome de 93 pessoas desaparecidas depois da desobstrução da ponte sobre o Rio Tocantins, dia 29 de dezembro, e vários depoimentos de manifestantes, atestando que houve um verdadeiro massacre que

Cardoso espera agora acertar a visita do diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, ao garimpo. "Os garimpeiros andam de mãos dadas com a Polícia Federal e se os agentes saírem do garimpo será o caos", afirmou.

Anúncio em classificado procura desaparecidos

"Procura-se 93 desaparecidos. Ver outros anúncios. Telefone: 872-6118, com doutor Romeu". Este é um de um conjunto de quatro anúncios sobre o garimpo de Serra Pelada, que foram publicados anteontem, no caderno de classificados da Folha de S. Paulo, pelos jornalistas Pedro Cadina, Eustáquio Moreira e Leandro Esteves, donos de uma assessoria de imprensa em São Paulo. Eles disseram estar indignados com o confronto ocorrido entre Policiais Militares e garimpeiros, no último dia 29 de dezembro, no garimpo de Serra Pelada (Pará), que resultou quatro mortes.

Segundo Cadina, a idéia foi utilizar o espaço dos classificados "como uma forma diferente e leve de mexer com a opinião pública e não deixar o caso cair no esquecimento". Ele explicou que todos os anúncios pedem para falar com doutor Romeu, apelido dado a um conhecido e que estão utilizando como um artifício. Eustáquio, o idealizador dos anúncios, disse que o grupo já recebeu cerca de 15 telefonemas e que as reações foram as mais diversas: "uns se solidarizaram com a proposta, outros passaram trotes e alguns criticaram fortemente". Mas o grupo afirma que não via parar por aí. Eustáquio disse já ter preparado uma série de outros anúncios, abordando outros temas e que está apenas esperando arrecadar junto aos

amigos o dinheiro suficiente para publicá-los. "O importante é chamar a atenção das pessoas, pois escândalos não faltam neste país, o que falta é escandalizar as pessoas", afirmou.

Loja Hitato

Resultados

- 1.º) PRÊMIO: 83.495
- 2.º) PRÊMIO: 63.342
- 3.º) PRÊMIO: 85.048
- 4.º) PRÊMIO: 79.182
- 5.º) PRÊMIO: 91.785

DATA: 22.01.88 EXTRAÇÃO N.º 049